



Università
Ca' Foscari
Venezia

Corso di Laurea
in Lingue, civiltà e scienze
del linguaggio
ex D. M. 270/2004

Tesi di Laurea

**O sujeito nulo em
português europeu,
brasileiro, cabo-verdiano e
italiano**

Relatore

Prof. João Miguel Marques da Costa

Laureando

Sara Bertoldo

Matricola 858493

Anno Accademico

2017 / 2018

Índice

1	Introdução	4
2	A gramática mental	4
3	O parâmetro do sujeito nulo	5
3.1	As propriedades coocorrentes	5
3.1.1	Sujeito nulo	6
3.1.2	Inversão da ordem Sujeito – Verbo	6
3.1.3	Violação do efeito that-trace	6
3.1.4	Morfologia verbal rica	7
3.2	A propriedade ativadora	7
3.2.1	Morfologia verbal rica	8
3.2.2	Uniformidade morfológica	9
4	Tipos de línguas	10
4.1	NSL canónica	11
4.2	NSL parcial	12
4.3	NSL radical	12
4.4	NSL expletiva	13
4.5	Não-NSL	13
5	A legitimidade do NSP	13
5.1	Gilligan	13
5.2	Newmeyer	14
5.3	Roberts & Holmberg	14
5.4	Chomsky	15
5.5	Reflexões com base nas diferentes tipologias	15
6	Análises das línguas em estudo	17
6.1	Português europeu	17
6.1.1	Correlação com pessoa	18
6.1.2	Animacidade	18
6.1.3	Indeterminação	18
6.1.4	Sujeitos expletivos	19
6.1.5	Reflexões sobre o PE	20
6.2	Português brasileiro	20
6.2.1	Tendências correlacionadas	21

6.2.2	Incompatibilidade com as NSLs canónicas	22
6.2.3	Correlação com pessoa	23
6.2.4	Animacidade	23
6.2.5	Indeterminação	23
6.2.6	Reflexões sobre o PB	24
6.3	A situação de Cabo Verde	25
6.3.1	O crioulo cabo-verdiano	25
6.3.2	O português cabo-verdiano	26
6.3.3	Correlação com pessoa	27
6.3.4	Indeterminação	27
6.3.5	Reflexões sobre o PCV	28
6.4	Italiano	28
6.4.1	Correlação com pessoa	30
6.4.2	Animacidade	31
6.4.3	Informação nova	31
6.4.4	Indeterminação	32
6.4.5	Sujeitos expletivos	32
6.4.6	Reflexões sobre o italiano	33
7	Reflexões finais	33
8	Conclusões	36
	Bibliografia	38

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é estudar a distribuição e interpretação do sujeito nulo em português europeu (PE), brasileiro (PB), cabo-verdiano (PCV) e em italiano (IT), recorrendo a diferentes exemplos. Para este propósito será utilizado o parâmetro do sujeito nulo como definido por Rizzi (1982), questionando a sua validade e considerando eventuais reformulações do mesmo parâmetro.

O enfoque será sobre as quatro línguas elencadas, devido ao facto que inicialmente foram todas definidas línguas de sujeito nulo, e portanto com as mesmas características, mas como veremos existem grandes diferenças entre elas. O italiano foi tomado como língua de sujeito nulo prototípica desde os tempos da definição do parâmetro, e será interessante estudar as diferenças naquelas que se definem como variedades da mesma língua.

Mais em detalhe, na secção 2 será explicada a motivação do uso do parâmetro e na secção 3 será feita a análise deste parâmetro e das suas características. Serão examinadas as tipologias de línguas na secção 4 e notaremos no capítulo 5 que se apresentam alguns problemas quando é utilizada a definição canónica do parâmetro, no que diz respeito o confronto entre a teoria e os dados encontrados em várias línguas com sujeito nulo. Na secção 6, serão estudadas as línguas em enfoque nesta tese e no capítulo 7 serão feitas reflexões, concluindo-se o trabalho com a secção 8.

2 A gramática mental

A teoria gerativa baseia-se na conceção de uma Gramática Universal (UG) graças à qual as crianças aprendem a língua materna. Sem este conceito, não se poderiam explicar muitas características próprias das línguas naturais, como recursividade, produtividade, criatividade e regularidade. Por exemplo, não é preciso aprender todas as formas verbais, mas apenas precisamos de conhecer algumas propriedades do verbo, como a sua conjugação, para sabermos flexioná-lo completamente. Além disso, como falantes temos conhecimento para produzir frases de extensão potencialmente infinita continuando a juntar novas palavras. Estas e todas as outras características que temos como conhecimentos implícitos desde que aprendemos a falar constituem argumentos para se defender que há

conhecimento gramatical implícito e inato.

É claro que não podemos aprender todas as possíveis configurações que nos apresenta uma língua, e até seria difícil de explicar se assim fosse, porque significaria que aprendemos por imitação, facto que está em conflito com frases produzidas por crianças e nunca ouvidas por elas, ou erros cometidos por neofalantes que nós nunca produziríamos. Com essas bases deduziu-se que o cérebro humano tem que estar geneticamente predisposto à aprendizagem das línguas e que esta competência estaria regulada por regras inconscientes e inatas, que desde o nascimento predispoem para a capacidade de aprender qualquer língua, ou seja, como foi antecipado, a ideia de fundo é que há uma Gramática Universal.

Em correlação com a UG, foi formulada e depois associada a teoria de Princípios e Parâmetros (P&P), cuja base é a existência de princípios universais comuns a todas as línguas (que formam a UG) e parâmetros específicos que variam conforme a língua (que formam a gramática específica da língua). Os parâmetros seriam definidos numa forma booleana, o que significa que podem ter valor “sim” ou “não”. Esse valor define-se nos primeiros anos de vida graças à experiência, e uma vez fixado, é correto e não muda no tempo¹.

3 O parâmetro do sujeito nulo

Entre os princípios universais, há a evidência de que todas as frases contêm um sujeito – expresso ou não, mas uma das primeiras noções que se aprendem estudando a gramática da própria língua é que este pode ou não ficar implícito, ou seja não aparecer foneticamente na frase. Esta mesma qualidade seria atribuível a um parâmetro: o parâmetro do sujeito nulo (NSP), segundo o qual as línguas do mundo se dividem – binariamente – quanto à possibilidade de admitirem sujeitos sem realização fonológica.

3.1 As propriedades coocorrentes

A fixação positiva do parâmetro levaria a outras propriedades coocorrentes, e inversamente a fixação negativa, à eliminação delas.

As que seguem são aquelas identificadas por Perlmutter (1971) e Rizzi (1982).

¹ Não se considera a hipótese do “parameter resetting”, apenas aplicável eventualmente em contexto de aquisição de línguas estrangeiras ou segunda língua.

3.1.1 Sujeito nulo

A primeira e mais óbvia propriedade é a possibilidade de o sujeito de ser nulo nas frases com verbo finito, seja referencial (1, 2) ou expletivo (3, 4).

- (1) *(Nós) gostamos de dançar.* [PE]
(2) **(We) like dancing.* [inglês]
(3) *Ø Nevou ontem.*
(4) **(It) snowed yesterday.*

A indicação é um fim em si mesmo, porque sem esta propriedade, tampouco existiria o parâmetro, e como veremos abaixo, é muito fácil invalidá-la porque em algumas línguas, ainda quando o NSP assume valor positivo, temos a obrigatoriedade de expressão de sujeitos referenciais.

3.1.2 Inversão da ordem Sujeito - Verbo

Todas as línguas que permitem o sujeito nulo permitiriam também a inversão do sujeito (sujeito pós-verbal), deixando a posição pré-verbal vazia. Pelo contrário, as que não permitem o sujeito nulo necessitam de um sujeito expletivo na posição canônica.

- (5) *Chegaram muitas pessoas.* [PE]
(6) **(There) have arrived many people.* [inglês]

3.1.3 Violação do efeito that-trace

O efeito that-trace (ou that-t) consiste na impossibilidade de extrair um sujeito de uma frase encaixada através de um complementador explícito. As línguas sem sujeito nulo são sujeitas a esta regra, enquanto nas outras o efeito that-t é violado (*que* pode aparecer sem agramaticalidade).²

- (7) *You think (that) John kissed Mary.* [inglês]
(8) *Who do you think (that) John kissed t_{who} ?*
(9) *Who do you think (*that) t_{who} kissed Mary?*
(10) *Pensas que o João beijou a Maria.* [PE]
(11) *Quem pensas que o João beijou t_{quem} ?*
(12) *Quem pensas que t_{quem} beijou a Maria?*

A ausência do efeito that-t seria devida à existência de expletivos nulos. O

² Os exemplos (7, 8, 9) são tomados por (Jad71, 2015).

vestígio do sujeito tem de ser regido³, mas dado que a posição C está ocupada por o complementador *that*, nenhum outro elemento pode estar no mesmo nó; portanto, o vestígio fica não ligado e temos uma situação de agramaticalidade (9). O que se passa nas outras línguas é que têm flexão verbal rica, que teria a capacidade de ligar o vestígio do sujeito, não obstante a preenchimento do nó C, por conseguinte não temos agramaticalidade mesmo com a realização do *que* (Taraldsen, 1980).

3.1.4 Morfologia verbal rica

A morfologia verbal rica era inicialmente considerada uma propriedade coocorrente nas línguas em exame, mas foi tomada como fator ativador do valor positivo do parâmetro, como será explicado na secção seguinte.

3.2 A propriedade ativadora

O NSP é muito interessante porque a criança consegue fixar o valor ainda quando o sujeito está de facto ausente nos enunciados; ela adquire informações sobre algo que, simplificando, algumas vezes existe foneticamente, outras vezes não. Precisamente por isso, pensou-se que a existência do sujeito é um universal, mas por causa da sua ausência fonética, a fixação do parâmetro tem de ser ativada graças a outras características comuns entre as NSLs e portanto relacionadas com o NSP.

A primeira formulação do NSP por Rizzi (1982) reconhecia dois parâmetros⁴:

(a) *INFL pode ser especificado [+pronominal]*

(b) *INFL que é [+pronominal] pode ser referencial*

Segundo (a) um sistema verbal pode ter uma riqueza flexional que permite especificar o pronome a que se refere, e segundo (b) quando a riqueza é suficiente, o pronome pode ser referencial, e portanto licenciar o sujeito nulo.

Então, o núcleo da questão colocada por Rizzi residia na riqueza morfológica, capaz de legitimar o sujeito nulo e, por conseguinte, de desencadear as propriedades correlatas.

³ Define-se como “regência” (Chomsky, 1981) a relação entre A e B em que:

- A é um regente
- A c-comanda B
- não há barreiras de intervenção entre A e B

⁴ (a) *INFL can be specified [+pronoun]*
(b) *INFL which is [+pronoun] can be referential* (Holmberg, 2009, p. 88)

3.2.1 Morfologia verbal rica

Taraldsen (1980), ao qual se agrega Rizzi, argumenta que a possibilidade de pressupor o sujeito é devida à morfologia verbal rica, que teria a capacidade de dar referência à forma nula do sujeito. Em italiano, por exemplo, a cada pessoa e número corresponde um morfema diferente, e por conseguinte cada forma verbal permite que se identifique o sujeito sem precisar do pronome expresso.

(13) *Dopo che me l'hai spiegato, ho capito!* [italiano]

Logo que mo explicaste, percebi!

Na frase (13), o sujeito da subordinada é a segunda pessoa (*tu hai spiegato*), enquanto aquele da principal é a primeira (*io ho capito*). Não poderia ser diferentemente, porque haveria agramaticalidade.

Quando a morfologia se neutraliza o sujeito tem que estar presente para evitar ambiguidade ou agramaticalidade (falar-se-á deste aspeto mais aprofundadamente na secção 6.4).

(14) *Maria crede che (io)/(tu)/(Gianni) sia in difficoltà* [italiano]

A Maria acredita que eu/tu/o João estou/as/á em dificuldade

Aventou-se a hipótese de que a morfologia verbal tem que ser rica “o suficiente” para legitimar a ausência, mas a pergunta agora é: quanto é a suficiência?

Além disso, este pressuposto não é válido para línguas como o chinês (Huang, 1989), onde o sujeito pode ficar implícito, mas o verbo não tem flexão verbal (15), o hebraico (Borer, 1989) no qual o sujeito pode ser nulo conforme a algumas pessoas e tempos verbais (16, 17), ou também o francês que tem flexão verbal rica mas não admite o sujeito nulo (18).

(15) *Zhangsan kanjian Lisi le rna? (Ta) kanjian (ta) le.*⁵ [chinês]

Zhangsan ver Lisi? Ele ver ele.

Zhangsan viu Lisi? (Ele) (o) viu.

(16) *התפוח את אכלתי (אני)*⁶ [hebraico]

(ʿani) ʾaxalti ʾet ha-tapuaχ

(Eu) comeu a maçã.

⁵ O exemplo é tomado por (Huang, 1989, p. 187)

⁶ Este e o exemplo seguinte são tomados por (Holmstedt, 2010).

(17) *התפוח את אכל / התפוח את אכל הוא**
*hu' 'axal 'et ha-tapuaχ / *'axal 'et ha-tapuaχ*
**(Ele) comeu a maçã.*

(18) **(Je) mange une pomme.* [francês]
(Eu) como uma maçã.

Infere-se que a questão da morfologia verbal rica não é uma característica suficiente para determinar o valor do NSP.

3.2.2 Uniformidade morfológica

Jaeggli e Safir (1989) tentam salvar a correlação da morfologia verbal com a fixação do NSP com uma nova hipótese, a da uniformidade morfológica: “um paradigma flexional numa língua é morfologicamente uniforme se tem só formas flexionais não derivadas ou só formas flexionais derivadas”⁷; onde uma forma flexional é dada por raiz + afixo. Ou seja, segundo eles, os sistemas verbais mistos não legitimam o sujeito nulo.

<i>to talk</i> - infinitivo	[inglês]	<i>fal+ar</i> - infinitivo	[PE]
<i>talk</i> - 1ps		<i>fal+o</i> - 1ps	
<i>talk+s</i> - 3ps		<i>fal+a</i> - 3ps	

Como se vê, em inglês os verbos são formados seja por a raiz seja por a raiz + afixo, o sistema é misto e o sujeito nulo não está justificado. Em PE pelo contrário o verbo está sempre formado por raiz + afixo, então há uniformidade.

Poderíamos contra-argumentar com o exemplo do francês, mas neste caso Jaeggli e Safir reportam-se à fonética:

[parl+e]	- infinitivo	[francês]
[parl]	- 1ps, 2ps, 3ps, 3pl	
[parl+e]	- 2pl	

Desde este ponto de vista, o francês é uma língua mista, o que explicaria a presença obrigatória do sujeito. Com efeito, quando aprendemos a falar estamos em contacto só com a fonologia e não com a grafia, que se aprende com a alfabetização.

Outra situação é aquela do hebraico, onde os sujeitos referenciais nulos são possíveis com verbos no futuro ou pretérito, mas no tempo presente há uma falta

⁷ “An inflectional paradigm P in a language L is morphologically uniform if P has either only underived inflectional forms or only derived inflectional forms.” (Jaeggli & Safir, 1989, p. 30)

de concordância de pessoa, portanto os sujeitos não são licenciados. Não obstante isso, os sujeitos expletivos são sempre nulos. A explicação dada é que os referenciais têm que ser licenciados e identificados, enquanto os expletivos só têm que ser licenciados.

A hipótese da uniformidade morfológica parece explicar todos os casos, mas como veremos na secção 6.2, o PB apresenta um panorama que levanta problemas para esta hipótese.

4 Tipos de línguas

A dificuldade em identificar as propriedades coocorrentes e o fator ativador, junto com um estudo mais detalhado sobre várias línguas, faz entender que há uma variabilidade maior do que a esperada no que diz respeito às tipologias de línguas, aliás daquela que pode ser uma divisão binária. É importante estudar e dividir as línguas em tipologias para evidenciar quais são os fatores comuns e por conseguinte avaliar a legitimidade das propriedades do NSP e do mesmo parâmetro.

Analizamos os seguintes exemplos:

(19) *O João /ele / ∅ fala de si mesmo.*

(20) *John /he / *∅ talks about himself.*

(21) *O João tentou *ele / ∅ falar de si mesmo.*

(22) *John tried *he / ∅ to talk about himself.*

Na frase (19), o sujeito é opcionalmente nulo, enquanto na (20) não, supostamente por causa na diferença do valor paramétrico. Contrariamente, nas frases (21, 22) os sujeitos são obrigatoriamente não realizados. Não podemos dizer que todos os tipos de categorias vazias são idênticas, porque não seria possível explicar a diferença nas frases. De facto, a categoria vazia com o verbo conjugado é chamada *pro*, enquanto aquela com o verbo no infinitivo *PRO*. (Jaeggli & Safir, 1989)

As línguas que permitem o sujeito nulo só o admitem quando o verbo é conjugado, dado que com os verbos no infinitivo todas as línguas obrigam a sua não realização. Estabelece-se, assim, uma diferença entre os sujeitos nulos das línguas *pro-drop*, restringindo-se o âmbito de aplicação do NSP a sujeitos nulos de frases com o verbo não flexionado.

A existência do pronome *pro* foi formulada inicialmente por Rizzi (1986) e

seria licenciado quando a flexão verbal é rica. No entanto, há outra corrente que não postula a sua existência e, de acordo com Borer, diz que é a própria flexão rica que assume carácter pronominal, legitimando o sujeito nulo. De acordo com esta hipótese, quando o sujeito é pleno, estamos numa situação de deslocação à esquerda⁸ (Holmberg & Roberts, 2009, p. 13).

Como já foi antecipado, a flexão verbal não é suficiente para legitimar a ausência do sujeito, pelo que considerarei mais oportuno não tomar como nomenclatura aquela das línguas pro-drop, deixando de lado o conceito de *pro* (apesar do seu uso em algumas frases para sublinhar a falta do sujeito). As línguas nas quais o sujeito pode não estar expresso são chamadas NSL (desde o inglês *Null Subject Language*) e as outras, em que tem que estar, são conhecidas como não-NSL.

A situação parece clara: o sujeito tem que estar presente ou pode não estar, conforme ao valor do NSP.

Todavia a verdade é que não há uma distinção tão nítida entre as diferentes tipologias, daquele que inicialmente parecia um parâmetro “perfeito” tal como definido pela teoria de P&P. Mais do que uma oposição binária, parece que estamos perante uma tipologia mais fina.

Delineiam-se assim diferentes tipos de línguas, segundo os estudos de Holmberg & Roberts (2009).

4.1 NSL canónica

As NSLs canónicas são aquelas onde o sujeito pode não estar foneticamente presente independentemente do tipo da frase: afirmativa (23, 24), interrogativa (25), exclamativa (26), negativa (27). Os sujeitos expletivos geralmente não são realizados (28) (deste falar-se-á mais aprofundadamente nas secções 6.1.4 e 6.4.5).

(23) *(Io) mangio molti dolci.* [italiano]

(24) *(Eu) como muitas sobremesas.* [PE]

(25) *(Tu) comes muitas sobremesas?*

(26) *(Ele) comeu muitas sobremesas!*

(27) *(Eu) não comi muitas sobremesas.*

⁸ Para Borer, a flexão verbal pode funcionar como um pronome, portanto quando esta é rica o nó spec,IP seria ocupado, e licenciaria a falta do sujeito. Nas situações em que o sujeito é expresso, estando o nó spec,IP ocupado pela flexão, a única posição disponível para o sujeito seria antes do nó spec,IP, ou seja aquela em uma deslocação à esquerda.

(28) *(*Ele) chove.*

4.2 NSL parcial

Nas NSLs parciais, alguns sujeitos referenciais podem ser omitidos, mas não todos, conforme as condições sintáticas: estas línguas geralmente não permitem sujeitos referenciais nulos (29) a não ser que estejam controlados por um elemento mais alto (30), sejam pronomes indefinidos nulos (que se referem a uma pessoa em geral) (32) ou pronomes arbitrários nulos (também que se referem a uma pessoa em geral mas excluindo o falante e o ouvinte). Os sujeitos expletivos não podem ser realizados (33, 34).

(29) **(Ele) fugiu.* [PB]

(30) *A Maria_i disse que (ela_i) comeu bastante.*

(31) *A Maria_i disse que *(ela_i) comeu bastante.*

(32) *É assim que Ø faz o doce.*

(33) *(*Ele) parece que o João chegou.*

(34) *(*Ele) está chovendo.*

4.3 NSL radical

As NSLs radicais são aquelas que podem não expressar o sujeito (35) mas também o objeto (36), e tampouco têm flexão verbal. É esse o caso do chinês, do japonês e do coreano. Crê-se que essa tipologia difere das NSLs canônicas porque o argumento omitido pode ser recuperado do discurso e não da gramática (D'Alessandro, 2014), ou seja, seria possível compreender o referente graças ao contexto e não através da flexão verbal (que não há). Os sujeitos expletivos são nulos.

(35) *Ø kanjian ta le.*⁹ [chinês]

ver ele LE

“pro vi ele.”

(36) *Ta kanjian Ø le.*

Ele ver LE

“Ele vi pro.”

⁹ Este e o exemplo seguinte são tomados desde (Huang, 1984).

4.4 NSL expletiva

Nas NSLs expletivas o sujeito referencial nunca pode ser nulo (diferentemente das NSLs parciais, nas quais há situações de não realização), mas pode não aparecer o sujeito expletivo (diferenciando-se das não-NSLs – veja-se abaixo).

(37) **(Nu) odja filme.*¹⁰ *[crioulo cabo-verdiano, Santiago]*

Nós vimos o filme.

(38) **(Es) bende un karu.*

Eles venderam um carro.

(39) **(N) faze un geladu.*

Eu fiz um gelado.

(40) *Sta faze friu oji.*

Faz frio hoje.

4.5 Não-NSL

Para terminar, as línguas não-NSLs são aquelas em que o sujeito tem que estar presente seja referencial ou expletivo.

(41) **(I) eat many sweets.* *[inglês]*

(42) **(It)'s raining.*

(43) **(Je) mange beaucoup de sucreries.* *[francês]*

(44) **(Il) pleut.*

5 A legitimidade do NSP

Nas secções que seguem são elencadas as hipóteses de diferentes linguistas respeito ao NSP assim como concebido por Rizzi.

5.1 Gilligan

Segundo a teoria de Rizzi, quando uma língua é NSL, tem as propriedades elencadas na secção 3.1, e vice-versa quando temos estas propriedades a língua é NSL. Ele baseou o seu estudo num pequeno grupo de línguas, e quando Gilligan (1987) testou as correlações com 100 línguas de famílias diferentes, notou que só quatro correlações eram válidas (como está citado por (Holmberg & Roberts, 2009)):

¹⁰ Este e os exemplos seguintes são tomados desde Silva (2012).

- (a) *inversão S-V → sujeitos nulos expletivos*
- (b) *inversão S-V → violação efeito that-trace*
- (c) *sujeitos referenciais nulos → sujeitos expletivos nulos*
- (d) *violação efeito that-trace → sujeitos expletivos nulos*

Este é um problema para a teoria do parâmetro do sujeito nulo formulada nos termos de Rizzi, porque por definição quando o valor é positivo, temos as propriedades coocorrentes; assim, a teoria tem de ser reformulada. Dado que o estudo de Gilligan demonstra que de facto não é sempre assim, o NSP perde validade, porque sendo o parâmetro concebido como universal, não pode ter exceções.

5.2 Newmeyer

Newmeyer (2004; 2005), baseando-se no estudo de Gilligan, conclui que a teoria de P&P falhou completamente e no seu lugar propõe um sistema de regras específicas para cada língua. Segundo ele, as regras podem explicar completamente todas as situações enfrentáveis numa língua e seriam o caminho a seguir.

O problema é que um sistema baseado nas regras não pode fazer previsões entre diferentes línguas, porque só as deduz com base no comportamento linguístico e as formula com o objetivo de explicar aquele comportamento, e nenhum outro. É uma atividade que se faz quando já se têm claras todas as situações, e obviamente as explica sem exceções, mas não explica como a criança aprende a língua, dado que ela não tem conhecimento das regras e tampouco consegue criá-las não conhecendo todas as situações linguísticas. Com efeito, o que este sistema consegue não é explicar, mas apenas descrever.

5.3 Roberts & Holmberg

Como explica D'Alessandro (2014), Roberts & Holmberg defendem o NSP e a teoria de P&P, justificando os valores de Gilligan com uma possível interferência de outros parâmetros não tomados em conta. Além disso, o facto que algumas predições sejam válidas é um fator a favor de que a teoria não se encontra totalmente errada. Por último, a capacidade da teoria de P&P de prever comportamentos é uma questão muito importante que legitima uma sua defesa e razões para não a abandonar.

5.4 Chomsky

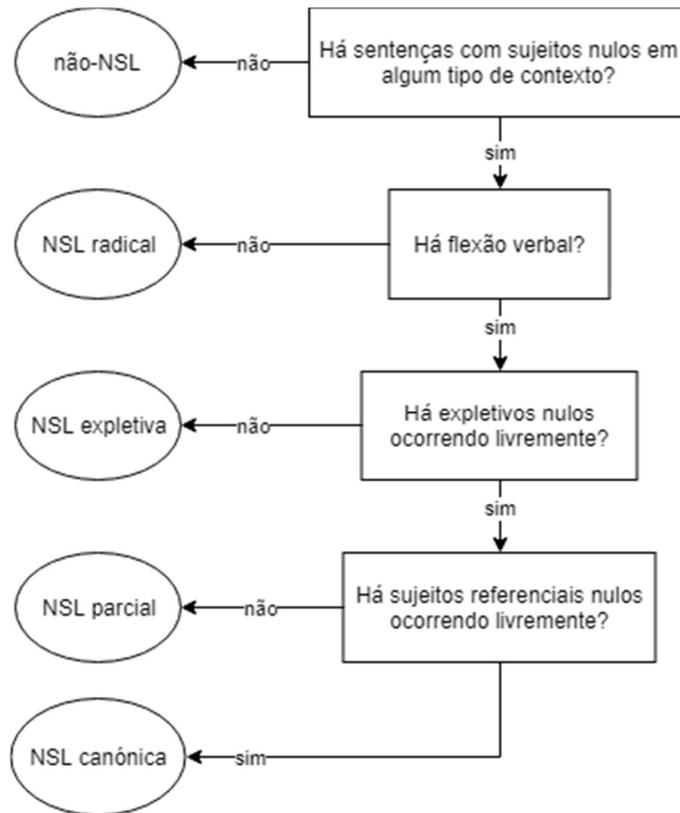
Como descreve (D'Alessandro, 2014), Chomsky (2014) reconsidera o NSP. Diz que as línguas com morfologia flexional rica têm um “T forte”, contrariamente às aquelas com morfologia pobre, que têm “T fraco”. Simplificando, quando T é forte, não necessita de um sujeito expreso, enquanto quando é fraco, sim. Chomsky associa esta situação aos princípios EPP (*Extended Projection Principle*) e ECP (*Empty Category Principle*), o primeiro que sustém a presença de um sujeito, que se não expreso foneticamente se pressupõe ser o *pro*, e o segundo que obriga à legitimação das categorias vazias (como, por exemplo, do *pro*). Segundo ele, o T forte, não necessitando do sujeito expreso, licencia o *pro*, e por conseguinte atribui EPP e ECP à língua; e vice-versa.

Em conformidade, EPP e ECP são relacionados: uma língua tem ambos ou nenhum, e portanto os dois princípios seriam uma consequência do valor positivo do NSP, que seria definido graças à força do nó T.

5.5 Reflexões com base nas diferentes tipologias

Basta ler as diferentes tipologias de línguas para questionar-se a natureza e a legitimidade do NSP. Se o valor dele pode ser “sim” ou “não”, como podem existir línguas “parciais”? Nem poderia haver uma diversidade do parâmetro conforme o tipo de sujeito, como se verifica. Em particular, é levantada a dúvida da binaridade do parâmetro, mas sendo a teoria concebida como universal, não poderia existir a exceção só para o NSP; se assim fosse seriam questionados todos os parâmetros, em outras palavras, a teoria de P&P teria que ser totalmente reformulada ou até eliminada.

Neste sentido, é muito interessante o esquema proposto por Veríssimo (2017) e aqui apresentado com algumas modificações.



Veríssimo faz notar que, apesar das múltiplas possibilidades no que diz respeito aos modelos de línguas, ainda há uma binaridade, que em cada nível elimina possibilidades com o fim de identificar a tipologia correta da língua. Poderia ser este o mecanismo adotado pela criança, e ademais se manteria a lógica da binaridade, salvando a atual concepção da teoria de P&P. Notamos, porém, que ele não toma como valor pela decisão a uniformidade morfológica mas a flexão verbal rica, que já foi questionada (secção 3.2.1).

Com base nesta afirmação, elaborei o seguinte quadro analisando algumas línguas: PE, chinês (CH), PB, crioulo cabo-verdiano (CCV) e inglês (EN). Utilizei os critérios de sujeito referencial nulo, sujeito expletivo nulo, morfologia verbal uniforme, morfologia flexional rica; cada um que pode ter valor + (“sim”) ou – (“não”), como se cada um deles fosse um parâmetro.

No caso do PB o valor está entre parêntesis por significar uma mudança naquela direção.

	Referencial nulo	Expletivo nulo	Uniformidade morfológica	Flexão rica
PE: NSL canónica	+	+	+	+
CH: NSL radical	+	+	+	-
PB: NSL parcial	-	+	+	(-)
CCV: NSL expletiva	-	+	-	-
EN: não-NSL	-	-	-	-

Ao obervarmos as possíveis configurações a nível paramétrico, notamos que cada uma difere da outra. É importante sublinhar que a minha hipótese constitui uma tentativa para delinear o que podem ser os parâmetros que permitem a distinção entre as línguas, mas tive que passar por cima daquelas que são as problemáticas principais. Por exemplo, o francês que é uma não-NSL tem flexão verbal rica (não considerando a hipótese de basear-se só na fonética), e o PB também tem uma flexão que pode ser considerada rica, embora esteja em processo de enfraquecimento. De facto, como já foi posto em causa, o critério da flexão rica não seria um bom parâmetro, mas sem ele não se teria diferença entre as NSLs canónicas e aquelas radicais. O ponto principal é que não se pode formar uma teoria com base em poucas línguas, as regras têm de ser universais e portanto os critérios têm que se adaptar a cada situação. No momento em que um valor não é correto, toda a teoria precisa de modificações.

A conclusão é que ainda há dificuldade em delinear critérios gerais para distinguir as línguas em categorias com respeito ao sujeito nulo.

6 Análises das línguas em estudo

Nas subsecções em seguida, serão examinadas as línguas em análise, definindo-se a tipologia a que pertencem e descrevendo alguns comportamentos específicos.

6.1 Português europeu

O PE é uma NSL canónica, os sujeitos referenciais são geralmente ausentes mas, como nota Soares da Silva (2006), os sujeitos focalizados ou em situação de contraste são necessariamente expressos foneticamente.

(45) *ELA canta bem, não ele!*

Com efeito, há uma correlação entre a maior saliência prosódica e a característica da informação de ser nova ou contrastiva, como evidencia o exemplo (46).

(46) *Quem é que cantou? O João. / Cantou o João. / *Cantou.*

Portanto, já no caso em que o NSP tem valor “sim”, há situações em que esse valor não pode ser respeitado e o sujeito obrigatoriamente tem que estar presente, para não termos frases agramaticais.

6.1.1 Correlação com pessoa

Duarte (1995) evidencia que, em PE, a primeira pessoa tem a maior taxa de sujeitos realizados:

	1 pessoa	2 pessoa	3 pessoa
pronomes plenos	35%	24%	21%

Dado que a presença fonética do sujeito delinea contrastividade, é fácil compreender como ao se inserir numa conversa, a tendência seja aquela de realizar o sujeito para se opor às ideias do outro falante.

Neste caso vemos que a realização do sujeito não depende só das características tratadas até aqui, mas também de outras quais a semântica e o contexto de produção (pragmática).

6.1.2 Animacidade

Se o referente é [-animado] a taxa de sujeitos nulos sobe. Nesta situação temos inclusive a importância da semântica.

6.1.3 Indeterminação

O gráfico seguinte mostra as preferências no que diz respeito as estratégias de indeterminação no PE (Duarte M. E., 1995):



Como, por exemplo, na frase (41):

(47) *Se pro_i se_i gostou uma vez de uma coisa, pro_i tem que se_i continuar fiel àquele estilo.*

É interessante notar que um tipo de frase como (32), aqui repetida como (48) é agramatical no PE, pelo qual o correspondente seria a (49).¹¹

(48) *É assim que pro_{ind} faz o doce.* [**PE / PB*]

(49) *É assim que se faz o doce.* [*PE*]

Neste contexto portanto o sujeito nulo é agramatical, mas reparem que no caso do sujeito não ser indeterminado, a frase é gramatical (e ademais é esta a interpretação dada com a ausência do sujeito).

(50) *É assim que pro_i faz o doce.* [*PE / *PB*]

6.1.4 Sujeitos expletivos

Os sujeitos expletivos geralmente não são realizados como se antecipou na secção 4.1, mas, como apresenta Carrilho (2009), temos testemunhas deles nas variedades não padrão do PE, por exemplos em registos familiares ou informais, variedades populares, dialetos arcaizantes ou mais conservadores.

(51) *Como ele chove!* [*dialeto PE*]

(52) *Ele há tanta gente louca!*

O pronome *ele* não apresenta uma interpretação referencial, as construções são normalmente impessoais, envolvendo uma posição de sujeito não argumental, o que contribui para considerá-lo um expletivo. A presença do expletivo parece envolver um valor expressivo adicional, marcado e por isso mais frequente em situações de comunicação menos formais.

Existe uma grande diferença entre o expletivo *ele* do português e aqueles das línguas não-NSLs: este é opcional enquanto nas não-NSLs é obrigatório, e com efeito aqueles são desprovidos de conteúdo semântico, embora contribuam semanticamente para o valor expressivo da frase. Com base nestas afirmações, Carrilho propõe que o pronome *ele* não seria propriamente um sujeito expletivo, assim como os das não-NSLs mas seria uma espécie de marcador de evidencialidade.

¹¹ Exemplos tomados por (Holmberg, 2009, p. 92).

6.1.5 Reflexões sobre o PE

O PE tem o comportamento duma NSL canónica, o NSP está fixado no valor positivo, portanto há a possibilidade da não realização do sujeito, embora em alguns contextos haja situações de obrigatoriedade do preenchimento (contrastividade, indeterminação) ou proibição (expletivos – PE padrão, semântica específica), obrigações que são definidas por restrições de natureza semântica ou pragmática.

6.2 Português brasileiro

Atualmente no PB, há uma tendência para expressar o sujeito e ao mesmo tempo há um enfraquecimento da flexão verbal; os dois fatores parecem relacionados (Duarte M. E., 1993; Duarte M. E., 1995). É impossível não citar o estudo de Duarte (1993) sobre peças teatrais do século XX, que evidencia uma queda no uso do sujeito nulo de mãos dadas com o incremento no uso dos pronomes *você* e *a gente* em vez, respetivamente, de *tu* e *nós*. O uso destes pronomes, em vez daqueles usados no PE, tem como consequência a modificação da flexão verbal de seis para três desinências:

<i>eu falo</i>	<i>eu falo</i>
<i>tu falas</i>	<i>você fala</i>
<i>ele/a fala</i>	<i>ele/a fala</i>
<i>nós falamos</i>	<i>a gente fala</i>
<i>vós falais</i> ¹²	<i>vocês falam</i>
<i>eles/as falam</i>	<i>eles/as falam</i>

Como foi antecipado (secção 3.2.2), o PB fornece-nos contra-argumentos à teoria da uniformidade morfológica, dado que não obstante a uniformidade na flexão, o sujeito está a se tornar obrigatório.

O PB não permite sujeitos expletivos plenos, como por exemplo com os verbos meteorológicos.

(53) *Está nevando.*

Um dos contextos em que está permitido o sujeito nulo é quando há um antecedente linguístico mais alto sintaticamente (Holmeberg, Nayudu, & Sheehan,

¹² Este pronome também em PE deixou de ser utilizado, a não ser em registros extremamente formais.

2009).

(54) *O João_i disse que (ele_i) tinha comprado uma casa.*

O contexto de resposta sim/não a uma pergunta com a omissão do sujeito (exemplificada em 55) não é um caso de sujeito nulo mas de elipse, e portanto não será tomada em consideração (Holmeberg, Nayudu, & Sheehan, 2009).

(55) *Você está cansado? Estou.*

6.2.1 Tendências correlacionadas

Citando Lucchesi (2009) “o PB não perdeu as propriedades de inversão nem de extração do sujeito, e tampouco gramaticalizou um pronome para desempenhar a função de sujeito expletivo”. Em outras palavras, segundo ele a perda do licenciamento dos sujeitos nulos referenciais não provocou a manifestação de outras propriedades correlacionadas.

Opõe-se a esta análise Roberts (2016), segundo o qual os sujeitos geralmente apresentam restrições à inversão S-V, definindo-a como uma característica das NSLs parciais.

(56) *Apareceu um estudante agora há pouco* [PB/PE]

(57) *Bebeu o café o João.* [*PB/PE]

Além disso, Duarte apresenta tendências coocorrentes com a sempre maior obrigatoriedade dos sujeitos referenciais.

A autora sustenta que hoje não existem contextos em que sujeitos referenciais sejam obrigatoriamente nulos, o que seria uma mudança de uma regra obrigatória para aquela que agora é uma opcionalidade (1998).

(58) *De repente ela_i sabe que ela_i quando criança ficava meio triste por isso.*

(59) *A casa_i virou um filme quando ela_i teve de ir abaixo.*

Com efeito, o empobrecimento da morfologia verbal levou à realização dos sujeitos pronominais referenciais, à presença de sujeitos deslocados à esquerda e ao desenvolvimento de estratégias para realizar os sujeitos não referenciais (Duarte M. E., 1995).

As estratégias para preencher os tradicionais sujeitos nulos não referenciais são as que seguem.^{13 14}

¹³ A lista é uma tradução desde (Duarte M. E., The loss of the “Avoid Pronoun” Principle in Brazilian Portuguese, 2000).

1. As frases impessoais ou existenciais com *ter/haver* são substituídas por frases com *você + ter / ver*.

(60) a. *pro_{expl}* Não há/tem mais clientela no centro da cidade.

b. *Você não tem mais clientela no centro da cidade.*

2. Os verbos de elevação aparecem em estruturas com dois verbos conjugados.

(61) a. *pro_{expl}* Parece que vocês não pensam a sério na vida.

b. *Vocês_i parecem pro_i não pensar a sério na vida.*

c. *Vocês_i parecem que pro_i/vocês_i não pensam a sério na vida.*

3. Os complementos infinitivos de causa são normalmente movidos na posição do sujeito nulo.

(62) a. *pro_{expl}* Vale a pena salvá-los.

b. *Eles valem a pena ser salvos.*

4. Um verbo monoargumental pode aparecer com dois argumentos.

(63) a. *pro_{expl}* Era em torno de dez pessoas.

b. *Isso era em torno de dez pessoas.*

5. As frases-sujeitos são retomadas por um demonstrativo.

(64) a. *Que o partido tomou a medida errada, pro_{expl} é evidente.*

b. *Que o partido tomou a medida errada, isso é evidente.*

6.2.2 Incompatibilidade com as NSLs canónicas

Os sujeitos deslocados à esquerda no PB estão numa estrutura incompatível com as NSLs canónicas. No PE, os sujeitos não são facilmente retomados em contexto de redobro, sendo quando tal acontece interpretados como casos de tópico contrastivo (Duarte I. , 1987), diferentemente do que acontece no PB.

(65) *Eu acho que o povo brasileiro; ele_i tem uma grave doença.*

(66) *Qualquer pessoa; que vai praticar um esporte ela_i tem que se preparar.*

Segundo Duarte (1995), o PB vive uma fase de transição, porque admite frases com sujeito referencial nulo mas também frases como (67), que em PE seria agramatical, precisamente devido ao facto que normalmente os sujeitos explícitos são contrastivos e não meramente correferenciais.

¹⁴ Como mostra Costa (2011), algumas destas estruturas também existem em PE, mas não serão examinadas aqui, porque não se pretende destacar diferenças entre as duas línguas, mas só elencar algumas estratégias existentes no PB.

(67) *João; estudou muito, mas ele; não foi aprovado no exame.*

Duarte (2003) dá-nos outros exemplos de fala popular incompatíveis com NSLs (os exemplos são extraídos das amostras do PEUL¹⁵).

(68) *Eu nasci aqui em Inhaúma e aqui nessa casa eu moro tem trinta e um anos.*

Trinta e um anos que eu moro aqui. Eu morei numa outra casa.

(69) *Vocês são muito jovens. Vocês acham que vocês podem mudar o mundo.*

(70) *Meu marido conhece o Brasil quase todo, porque ele trabalhava no Instituto Nacional de Migração. Então ele viajava muito.*

(71) *A gente tem que seguir o que a gente sabe e da forma que a gente foi criado.*

6.2.3 Correlação com pessoa

A taxa do sujeito pronominal nulo é mais elevada na terceira pessoa por causa da correferência com um NP antecedente, que torna inútil a repetição, seguida pela primeira pessoa que tem um morfema flexional evidente; como mostra a tabela (Duarte M. E., 1995).

	1 pessoa	2 pessoa	3 pessoa
pronomes plenos	74%	90%	58%

O dado é um pouco surpreendente, primariamente porque se afasta daquele do PE (6.1.1), e também porque a primeira pessoa é aquela que continua a manter uma morfologia verbal mais rica.

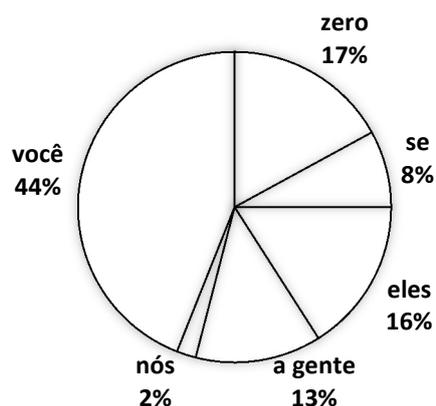
6.2.4 Animacidade

Como em PE, se o referente é [-animado] é mais provável que o sujeito seja nulo (Lucchesi, 2009).

6.2.5 Indeterminação

O gráfico seguinte mostra as preferências no que diz respeito os pronomes nas estratégias de indeterminação no PB (Duarte M. E., 1995):

¹⁵ Banco de dados da UFRJ.



Portanto é perfeitamente gramatical uma frase como (72), que representa a maneira mais frequente para exprimir indeterminação.

(72) *Você quando você viaja, você passa a ser turista. Então você passa a fazer coisas que você nunca faria no Brasil.*

É importante notar e recordar que a indeterminação é uma das situações em que é possível o sujeito nulo, que é a segunda opção mais frequente neste contexto.

(73) *Nesse hotel não pode sair depois de meia noite.*

6.2.6 Reflexões sobre o PB

Devido ao facto que os sujeitos têm de estar sempre mais presentes, o PB estaria a mudar o valor do NSP em direção de uma não-NSL. Neste sentido, não está considerada a hipótese do *parameter resetting* definido como alteração do parâmetro da língua, considerando-se, em alternativa, a hipótese de transmissão linguística irregular. Duarte (1995) observa que o sujeito nulo resiste mais na fala dos mais velhos e dos mais escolarizados, em oposição com que acontece com os mais novos e de baixa escolaridade; assim sendo, cada geração contribui para criar um contexto de exemplos que fazem mudar o valor preenchido pelas crianças, alterando o valor do NSP.

É importante dizer que a realização do sujeito, também nos contextos em que normalmente não seria necessário, não constitui um traço estigmatizado e por conseguinte não bloqueia a sua realização, longe disso é agora a situação preferível.

Para terminar, há duas posições que se põem em contraste relativamente à situação do PB: a hipótese de que a língua se situa numa fase de mudança e que portanto considera a parcialidade como uma sintoma de variação (sustentada por

Duarte 1995, como se indicou no primeiro parágrafo), ou a hipótese que considera a parcialidade como um estágio consolidado (Holmeberg, Nayudu, & Sheehan, 2009; Veríssimo, 2017). A primeira posição deriva da história da língua francesa, que, nascida como NSL canónica, atualmente está categorizada como não-NSL, dando provas a favor que é possível uma alteração do parâmetro. Em contraste, Galves (em comunicação pessoal citada por Veríssimo, 2017) afirma que o PB tem comportamentos diferentes daqueles do francês no seu período de mutação, e que portanto não se pode considerar que a situação do PB seja como aquela do francês.

Retomando os pontos fundamentais do capítulo, no PB não há uma regra sobre o preenchimento ou não do sujeito, mas há tendências que demonstram a sempre sua maior realização fonética. Os sujeitos expletivos têm de ser nulos enquanto para os referenciais não há contextos em que têm a obrigatoriedade de ser nulos, mas apenas a possibilidade em casos de indeterminação e quando há um antecedente linguístico mais alto sintaticamente; ou seja teríamos uma escolha da realização com base na semântica e na pragmática.

6.3 A situação de Cabo Verde

Cabo Verde é um conjunto de ilhas antigamente desabitadas até ao povoamento por portugueses desde 1460. Desde o princípio teria surgido o crioulo cabo-verdiano (CCV), que convive até hoje com o português. No país, há uma situação de diglossia dado que o português é a única língua oficial do país e é usada em contextos oficiais e de ensino, enquanto o crioulo é a língua materna da população.

A norma é a variedade padrão do PE, que não pode ser considerada um modelo robusto devido à insignificante presença de portugueses e à distância geográfica com Portugal. O português falado em Cabo Verde é uma variedade próxima do PE, está em estrito contato com o CCV, que exerce influências sobre ele; o PCV é a língua segunda dos cabo-verdianos e não é a língua vernácula (Lopes A. V., 2011).

Antes de falar do PCV, é preciso falar do CCV, seja pela escassez de dados no que tange o português, seja pelas influências que o crioulo teve no português.

6.3.1 O crioulo cabo-verdiano

O CCV, diferentemente do PE que é a sua língua lexificadora, perdeu a possibilidade do sujeito referencial nulo, tendo também eliminado a flexão verbal

de pessoa e número, mas não perdeu a possibilidade de realização do sujeito pós-verbal (situação analisada em breve), do efeito that-trace, nem tomou um pronome para realizar o sujeito expletivo, como se vê pelos exemplos (Lucchesi, 2009).

(74) **(Nu) bai mar* [crioulo cabo-verdiano, Santiago]

Nós fomos à praia

(75) *(*Ê) tchobe onte*

Choveu ontem

(76) *(*Ê) parcen ma ta tchobe*

Parece que vai chover

(77) *Tchiga ospedes*

Chegaram os hóspedes

(78) *Ken ki bu fla ma ben festa?*

Quem você disse que veio à festa?

O CCV é portanto uma língua NSL expletiva.

No que diz respeito a inversão da ordem S-V, segundo Pratas (2004), a posição pós-verbal seria aceite só com os verbos inacusativos e sujeitos indefinidos e quantificados:

(79) *Maria tosi. / *Tosi Maria*

A Maria tossiu. / Tossiu a Maria.

(80) *Barku di Maio (dja) straga. / (dja) straga um barku?*

Um barco do Maio avariou-se. / Estragou-se um barco de Maio.

A restrição seria devida ao facto de não ser uma NSL canónica, ligando-se também ao que foi dito para o PB (secção 6.2.1).

6.3.2 O português cabo-verdiano

Os cabo-verdianos são em geral críticos a reconhecer uma variedade de português que se afaste do europeu, sentindo-se, contudo, destabilizados e preocupados pelos erros que cometem (Mota, 2015). De facto não há um português falado de forma igual por todos os cabo-verdianos e portanto não há um verdadeiro padrão.

Graças aos estudos de Lopes (2011), vemos que as percentagens de realização dos sujeitos são 53% pelos nulos e 47% pelos plenos, o que, sendo o português uma NSL canónica, é muito e aponta para uma tendência ao

preenchimento do sujeito na variedade cabo-verdiana.

A proposta é que o PCV esteja influenciado pelo CCV, que como foi dito obriga à realização dos sujeitos referenciais.

A uma maior escolaridade corresponde uma maior taxa de sujeito nulo, o que reforça a hipótese, mas os jovens tendem a realizar o sujeito nulo mais que os mais velhos. O dado é surpreendente e poderia ser explicado pelo facto de os mais velhos já não procurarem o respeito social e estarem mais seguros da sua maneira de falar, enquanto os jovens tentam se afirmar com uma maior aderência ao PE. Obviamente, estamos perante especulação.

Na escrita, que é um contexto mais controlado, temos um menor preenchimento do sujeito.

6.3.3 Correlação com pessoa

Os estudos de Lopes (2011) mostram que a primeira pessoa singular é a mais realizada, seguida pela terceira.

As percentagens de realização (Lopes A. V., 2011, p. 448):

	eu	tu	você	ele/a	nós	a gente	eles/as	vocês
nulos	64,7	0,3	1,3	9,5	12,2	0,3	12,5	0,2
plenos	84,7	0,2	0	8,3	2,9	0,8	3	0

É preciso dizer que o contexto (entrevista) não era adequado à realização da segunda pessoa.

Como em PE, os pronomes *você(s)* são considerados formas de tratamento de média intimidade.

6.3.4 Indeterminação

As percentagens dos sujeitos genéricos (Lopes A. V., 2011, p. 450):

	eu	tu	você	ele/a	nós	a gente	ele/as	vocês
nulos	0	0	1,8	0,5	93,3	0,3	4,1	0
plenos	0	0	0,7	0	90,1	5,7	2,7	0

Como mostra o exemplo, em PCV emprega-se o pronome *nós* (em lugar de *se*),

como sujeito arbitrário.

(81) *Porque é uma língua também. Porque nós temos o inglês dos Estados Unidos, o inglês da Inglaterra e de vários países que falam inglês, mas nas salas da aula nas universidades vão ser ensinado uma língua padrão.*

6.3.5 Reflexões sobre o PCV

O PCV aproxima-se da gramática do PE, afastando-se daquela do PB, mas eventualmente por convivência com o crioulo, há uma tendência para o preenchimento da posição sujeito. Não obstante esta tendência seja devida a outra língua, podem-se destacar percentagens diferentes de sujeito nulo em diferentes pessoas morfológicas, consoante o contexto semântico e pragmático, como foi já evidenciado pelas outras variantes do português.

6.4 Italiano

O italiano sempre foi tomado como prototípica NSL canónica. Como indica o Princípio “evite pronome”, na maioria dos casos o sujeito é nulo e uma forma expressa é limitada aos casos nos quais é necessária, isto é, quando o sujeito pronominal, tendo valor focal ou contrastivo, deve ser enfatizado (evidentemente, um elemento nulo não pode indicar ênfase)¹⁶ (Rizzi L. , 1988; Chomsky, 1981). Com base neste, Soares da Silva (2006) sustenta que a expressão do sujeito é uma opção marcada, funcional, usada em situações de ênfase e contraste ou para desfazer ambiguidade.

(82) *Maria_i ha mangiato dopo che lei^{*_{i/j}} è arrivata.*

*A Maria_i comeu depois que ela^{*_{i/j}} chegou.*

Carminati (2002) propõe uma explicação pelas frases (83, 84) onde há um pronome nulo e realizado em uma frase com dois referentes, e chama-a “Estratégia da posição do antecedente¹⁷”. Segundo esta teoria, os pronomes nulos referem-se a constituintes em Spec,IP, enquanto os pronomes plenos referem-se a constituintes mais baixos do IP.

(83) *Maria scriveva spesso a Piera quando Ø era negli Stati Uniti.*

(84) *Maria_i scriveva spesso a Piera_j quando lei^{*_{i/j}} era negli Stati Uniti.*

¹⁶ “Given the existence of a zero pronominal option in languages like Italian , the overt form will be limited to the cases in which it is necessary, i. e. when the pronominal subject, being focal or contrastive, must bear stress (evidently, the zero element cannot bear stress).”

¹⁷ “Position of Antecedent Strategy”

*A Maria_i escrevia frequentemente à Piera_j quando Ø/ela*_{i/j} estava nos Estados Unidos.*

Normalmente os falantes ignoram as estratégias que recorrem aos pronomes plenos quando há um só antecedente (85), ou quando o pronome não está numa situação de ambiguidade por causa do género (86).

(85) *Gianni ha detto che Ø andrà al matrimonio di Maria.*

(86) *Gianni_i ha detto che lui_i andrà al matrimonio di Maria.*

O João_i disse que Ø/ele_i irá ao casamento da Maria.

(87) *Quando Gianni_i canta, lui_{i/j} è contento.*

Quando o João_i canta, ele_{i/j} está feliz.

Numa primeira análise, a hipótese de que a perda da riqueza flexional fará perder a opcionalidade da presença do pronome explicaria a suposta obrigatoriedade do pronome de segunda pessoa no conjuntivo italiano¹⁸ (Benincà, 1993; De Oliveira, 2000).

(88) *È necessario che (io)/?(tu)/(lui) parta subito.*

É necessário que eu / tu / ele parta(s) imediatamente.

(89) *Quanto a me/lui/*te, pensano che debba partire domani.*

Quanto a mim / ele / ti, acham que tenha(s) que partir amanhã.

Em particular, na frase (88) a presença do pronome *tu* remove qualquer ambiguidade e é a forma preferível, mas a ausência não é considerada agramaticalidade pela totalidade dos falantes. Mesmo assim, ainda com os pronomes de primeira e terceira pessoa, para evitar ambiguidades é melhor explicitá-lo, e com efeito na conversa, se o contexto não consegue eliminar dúvidas, o pronome é expresso, ou o interlocutor perguntar-nos-á a quem nos referimos.

A agramaticalidade da frase (89) não pode ser explicada com a ambiguidade na flexão verbal, porque o pronome *te* está em posição de tópico. Dobrando o pronome, a agramaticalidade desaparece.

(90) *Quanto a te, pensano che tu debba partire domani.*

Quanto a ti, acham que tu tenhas que partir amanhã.

¹⁸ Neste modo verbal, a morfologia flexional sofre uma neutralização nas pessoas singulares: *io parta, tu parta, lui/lei parta, noi partiamo, voi partite, loro partano* / *io avessi, tu avessi, lui/lei avesse, noi avessimo, voi aveste, loro avessero*

Diferentemente, a frase (91) sugere que o sujeito de segunda pessoa pode clarificar a ambiguidade entre a segunda e a terceira pessoa, porque numa situação em que não há a possibilidade de que o verbo se refira à terceira, não há a obrigatoriedade do pronome expreso.

(91) *Se (io)/(tu) avessi lasciato la macchina in garage, nessuno l'avrebbe toccata.*
Se eu / tu tivesse(s) deixado o carro na garagem, ninguém o teria tocado.

A diferença de comportamento entre as diferentes pessoas faz pensar que a obrigatoriedade seja devida à sintaxe ou até à semântica em vez da ambiguidade na interpretação referencial por causa da morfologia verbal.

6.4.1 Correlação com pessoa

Duranti & Ochs (1979) afirmam que o falante, ao se inserir na conversa, usa maioritariamente um pronome sujeito expreso. Por consequência, como acontece em PE (6.1.1), a primeira pessoa tem a maior taxa de realização, como se vê pela frequência de pronomes plenos:

	1 pessoa	2 pessoa	3 pessoa
pronomes plenos	51%	44%	27%

Frascarelli (2007) sustenta que o pronome nulo de terceira pessoa se refere a pessoas ou objetos introduzidos como tópicos do discurso, definindo assim o “aboutness-shift topic”, abreviado A-topic, cujo papel seria o de introduzir ou reintroduzir um tópico no discurso (Holmeberg, Nayudu, & Sheehan, 2009).

(92) *Questa mattina, la mostra è stata visitata dal Papa. Più tardi *Ø/egli/lui¹⁹ ha visitato l'università.*

*Esta manhã, a exposição foi visitada pelo Papa. Mais tarde *Ø/ele visitou a universidade.*

(93) *Questa mattina, il Papa ha visitato la mostra. Più tardi Ø ha visitato l'università.*

Esta manhã, o Papa visitou a exposição. Mais tarde Ø visitou a universidade.

¹⁹ Em italiano o pronome de terceira pessoa pode ser de dois tipos: mais culto ou mais coloquial. O primeiro é *egli/ella*, o único a ser usado antigamente e que agora se usa quase exclusivamente na escrita ou no discurso formais, sobretudo na versão feminina; o segundo é *lui/lei* que apesar do uso mais coloquial está a ser utilizado em cada contexto e parece mais natural. Pelos pronomes plurais a situação é a mesma: *essi/esse* → *loro*.

6.4.2 Animacidade

A hipótese proposta é que as NSLs canónicas não admitem um sujeito pleno quando o referente é [-animado].

(94) **Lui é molto costoso*

Ele é muito caro.

De Oliveira cita Berretta (1993) com a frase (95) para contra-argumentar a precedente afirmação, mas eu considero o exemplo como não totalmente adequado.

(95) *E la (legge) finanziaria_i? Lei_i va, come la nave, verso chissà quale naufragio.*

Em primeiro lugar, a frase é registada em contexto jornalístico (*L'espresso*), trata-se de um contexto controlado e escrito e não necessariamente representativo do uso regular pelos falantes, na medida em que pode envolver recursos estilísticos. Em segundo lugar, neste contexto a estrutura pode quase considerar-se uma personificação, no jornalismo o texto tem que ser atrativo e estratégias como personificação e metáforas são muito usadas. Por último, a expressão está formada por uma pergunta e uma resposta, há a ideia de um diálogo e de uma pausa entre as duas, assim retomar com um pronome parece mais normal.

É também verdade que os dados do PB vêm de texto dramático, que está associado a efeitos estilísticos variados, portanto esta não se pode tomar como evidência contrária. Aliás, a frase não é agramatical, portanto a hipótese da total proibição do sujeito pleno com o traço [-animado] não está confirmada, mas é preciso dizer que se trata de uma situação não propriamente natural.

6.4.3 Informação nova

Em IT o pronome teria de aparecer quando há um referente inesperado, ou seja, quando estamos numa condição de informação nova. De Oliveira (2000) tenta contra-argumentar utilizando as frases (96, 97):

(96) *E io in effetti mi sono trovata solo a sborsare i soldi. Io ho sborsato 200 euro dal dietologo.*

E eu na verdade encontrei-me só a desembolsar o dinheiro. Eu desembolsei 200 euros ao dietista.

(97) *Che danno? Io ho innanzitutto avuto un danno morale perché io mi sentivo bene.*

Que dano? Eu antes de tudo tive um dano moral porque eu estava bem.

Também nesta situação, as frases não são agramaticais, mas a presença do pronome de primeira pessoa *io* denota um sentido diferente daquele que pode ter a frase neutra. Trata-se de uma comunicação oral, devido ao facto de que na conversa o sujeito parece ser realizado mais frequentemente de que na língua escrita (Simone, 1993). Ainda que não tendo acesso à entoação, deduz-se que a pessoa que está a falar está irritada, quer destacar uma injustiça que sofreu. Além disso, este exemplo reflete o que se disse relativamente as percentagens de produção em função das diferentes pessoas gramaticais.

De facto, a mesma De Oliveira em seguida diz que os pronomes são usados para enfatizar o evento expresso pelo verbo.

6.4.4 Indeterminação

Para o IT não temos dados de frequência de produção, mas pelo estrito juízo pessoal, a primeira pessoa singular, terceira singular e segunda plural não podem expressar indeterminação; a segunda singular, primeira plural e terceira plural podem apenas quando o sujeito é nulo.

(98) *pro / *loro mi hanno venduto un libro rovinato*
*pro/*eles venderam-me um livro estragado.*

6.4.5 Sujeitos expletivos²⁰

O valor positivo do NSP atribui a possibilidade de não preencher a posição de sujeito; só num caso o sujeito não pode obrigatoriamente ter realização fonética, e isto é quando o verbo não pode atribuir papel temático externo, portanto em italiano não são admitidos pronomes expletivos expressos.

(99) **Esso sembra che Gianni sia intelligente.*
**Ele parece que João é inteligente.*

Com base no princípio evite pronome, a explicação seria porque os sujeitos expletivos são desprovidos de informação semântica, enquanto aqueles com valor referencial seriam realizados quando se quer enfatizar a referência do sujeito.

Não obstante, há situações em que temos sujeitos expletivos: no italiano antigo, nos dialetos setentrionais antigos e em algum dialeto atual:

²⁰ A inteira subsecção é uma tradução e adaptação de (Vitolo, 2006), os exemplos são textualmente reproduzidos.

- (100) *Egli era in questo castello una donna vedova.* [italiano antigo]
 [Ele] *Havia neste castelo uma mulher viúva.*
- (101) *Egli non sono ancora molti anni passati.*
 [Ele] *Não passaram até muitos anos.*
- (102) *Elo no se po far.* [dialeto milanês antigo]
 [Ele] *Não se pode fazer.*
- (103) *Gli è piovuto tanto.* [dialeto fiorentino]
 [A ele] *Choveu muito.*

Normalmente o expletivo é o pronome de terceira pessoa singular (que pode mudar de género), mas nos dialetos meridionais o expletivo exprime-se com um demonstrativo (que também pode mudar entre masculino e neutro).

- (104) *Killə ε b'banutə u wa'lonə.* [dialeto salernitano]
 [Isso] *Chegou o rapaz.*

É importante sublinhar que a omissão do pronome não determina agramaticalidade e a sua presença é devida à exigência do falante de evidenciar, explicar, especificar um evento numa situação de fala. Por conseguinte, o expletivo não resulta ser semanticamente vazio mas tem uma função explicativa e enfática, e um uso em contextos de interação verbal. É interessante ver como este tem correlação com a hipótese de Carrilho (2009), apresentada na secção 6.1.4. Portanto existiria correspondência entre os sujeitos expletivos realizados nas variantes não padrão.

6.4.6 Reflexões sobre o italiano

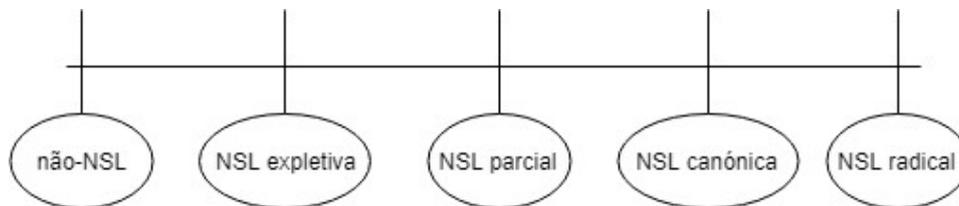
O IT tem um comportamento semelhante ao do PE, em virtude de que é uma NSL canónica. Sem repetir o que já foi escrito, nesta língua também parece que além do valor “sim” do parâmetro, a semântica e a pragmática estão envolvidas na realização do sujeito.

7 Reflexões finais

Uma questão que foi levantada várias vezes no trabalho tem que ver com a legitimidade do NSP assim como está definido. Está claro que este parâmetro não funciona: não é possível explicar todas as tipologias linguísticas e também o próprio parâmetro não pode ter só um valor “sim” ou “não”.

Uma hipótese, de acordo com (Soares da Silva, 2006), seria a existência de uma

escala contínua, em cujos extremos temos a não-NSL por uma parte e a NSL radical por outra. Nesta situação seria possível atribuir um valor intermédio ao parâmetro, em detrimento da binaridade.



Desde o ponto de vista teórico esta parece a ideia melhor, porque de facto é a mais aderente aos dados, mas fica irresolvida a questão de como posicionar uma determinada língua na escala e até não se tomam em conta os resultados das análises anteriores.

Há a necessidade de um modelo de Gramática Universal que seja geral para compreender os universais das línguas mas também suficientemente flexível para que contenha as variações entre as línguas (Jaeggli & Safir, 1989). Há também evidências de diferença tipológica que permitem assegurar que a conceção do parâmetro e a sua característica primaria de ser binário não estão necessariamente invalidadas, salvando toda a teoria de P&P à qual pertence.

A solução pode ser numa regra de fundo (o NSP) na qual se aplicam outras regras. De facto como diz Holmberg (2009) “os sujeitos nulos podem ser derivados de mais de uma maneira, e portanto, mais que um parâmetro está envolvido na determinação da realização”²¹.

As reflexões anteriores evidenciaram que as regras a aplicar seriam a semântica e a pragmática. Até agora, o fator ativador da escolha do parâmetro mais fiável parece ser a uniformidade morfológica. Quando o valor do NSP está fixado, intervêm a semântica e a pragmática a definir as situações mais em detalhe.

Em todas as línguas analisadas, é possível dizer-se que há sujeitos nulos, embora a sua realização concreta dependa de outros fatores envolvidos, quais a semântica e a pragmática.

Como foi evidenciado, nas NSLs canónicas a possibilidade de realização do sujeito

²¹ “null subjects can be derived in more than one way, and that, therefore, more than one parameter is involved in determining whether subject pronouns can be null or not in a given language.” (Holmberg, 2009, p. 88)

nulo correlaciona-se com uma proibição nos casos de contrastividade, ênfase, ambiguidade, focalização. Nos casos de sujeitos realizados, vimos que as percentagens de realização mudam consoante a pessoa, a animacidade e nos casos de indeterminação, ou seja em função de fatores semânticos e pragmáticos. Nas NSLs canónicas o falante é normalmente livre na realização do sujeito e as questões de realização parecem uma escolha estilística; efetivamente a realização comporta um valor semântico que nas outras línguas não se verifica.

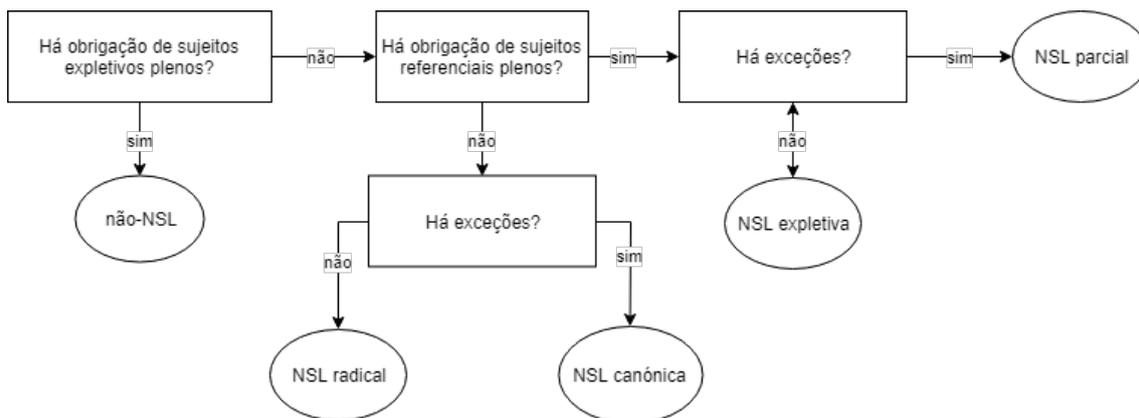
No que concerne ao sujeito expletivo, vimos que nas línguas analisadas tem de ser nulo. Verdadeiramente em nenhuma língua a realização do sujeito referencial aporta agramaticalidade, diferentemente do que passa com os sujeitos expletivos, evidenciando uma clara distinção entre os três tipos: *pro_{ref}*, *pro_{expl}*, *PRO*.

O sujeito *PRO*, teria que ser sempre nulo, o *pro_{expl}* seria realizado só nas não-NSLs e o *pro_{ref}* seria aquele com mais liberdade: realizado obrigatoriamente nas não-NSLs e NSLs expletivas, tendencialmente realizado nas NSLs parciais e tendencialmente não realizado nas NSLs canónicas e radicais.

Delineia-se assim a tabela seguinte, onde por “exceções” definem-se particulares situações semânticas ou pragmáticas.

Tipo língua	Sujeitos referenciais realizados	Há exceções	Sujeitos expletivos realizados
Não-NSL	+	-	+
NSL expletiva	+	-	-
NSL parcial	+	+	-
NSL canónica	-	+	-
NSL radical	-	-	-

Graças aos valores da tabela, surge o esquema que segue:



Note-se que se mantém a binaridade na escolha, e que são tomadas em conta as situações condicionadas por a semântica e a pragmática, valores que nesta altura designamos como extremamente importantes.

Como é natural, os fatores semânticos e pragmáticos não são excepcionais na sua interação com parâmetros de natureza sintática. Basta pensar como os valores de foco ou tópico podem condicionar a gramaticalidade duma frase, por exemplo condicionando a ordem de palavras, ou seja, tendo impacto sobre a sintaxe.

É também verdade que, como vimos, no italiano antigo, e em certos dialetos portugueses e italianos ainda há realização fonética dos expletivos, o que poderia ser uma testemunha da antiga obrigatoriedade dele, e da mudança histórica nas línguas. Uma ideia poderia ser que a designação de não-NSL era a primordial, mas não se explicaria a situação do francês, que à lógica se desenvolveu ao oposto. Por conseguinte também não fica clara a situação do PB, ainda que, não realizando os sujeitos expletivos e sendo sujeita à exceções, se pode considerar como pertencente à categoria das NSLs parciais.

8 Conclusões

Ao longo do presente trabalho, foram analisadas algumas variedades de português (PE, PB, PCV) e o italiano, estudando-se assim o parâmetro do sujeito nulo. Não obstante os muitos trabalhos a propósito deste último, não está inteiramente clara a sua natureza e muitas discussões rondam nas propriedades coocorrentes e ativadoras. O presente trabalho constitui, assim, um contributo adicional para a descrição da micro-variação entre línguas próximas, que contribui para uma mais fina caracterização das variáveis envolvidas no fenómeno “sujeito nulo”.

As línguas foram singularmente analisadas, evidenciando-se que o PE e o italiano são NSLs canônicas, no PB (NSL parcial) não há uma regra sobre o preenchimento ou não do sujeito, mas há tendências que demonstram um gradual aumento dos sujeitos lexicais. O PCV, eventualmente fruto da convivência com o crioulo (NSL expletiva), apresenta uma tendência para o preenchimento da posição sujeito. Em todas estas línguas, os sujeitos expletivos têm de ser nulos e a semântica e a pragmática estão envolvidas na realização dos sujeitos referenciais.

Verificou-se que se pode considerar que há uma uniformidade consoante a divisão respeitante à tipologia linguística, e graças à pertença das línguas em exame a três diferentes tipos (NSL canónica, NSL parcial, tendência para NSL expletiva), conseguiu-se formular uma hipótese relativamente às características influentes nas realizações, tomando em conta como fatores relevantes a semântica e a pragmática, que interagem com a sintaxe, mas não põem em causa a caracterização de uma língua enquanto língua de sujeito nulo.

Baseando-se na hipótese de Jaeggli & Safir (1989), o fator ativador da escolha do parâmetro seria a uniformidade morfológica. Quando o valor do NSP estaria fixado, interviriam a semântica e a pragmática a definir as situações mais em detalhe. Estas duas propriedades permitiriam assim diferenciar entre as diversas tipologias e talvez sejam essas a permitir uma completa e estável identificação dos fatores que explicam a micro-variação entre línguas.

Bibliografia

- Benincà, P. (1993). Sintassi. Em A. Sobrero, *Introduzione all'italiano contemporaneo*. Bari: Laterza.
- Berretta, M. (1993). Morfologia. Em A. Sobrero, *Introduzione all'italiano contemporaneo*. Bari: Laterza.
- Borer, H. (1989). Anaphoric AGR. Em O. Jaeggli, & K. J. Safir, *The null subject parameter* (pp. 69 - 110). Dordrecht: Kluwer.
- Carminati, M. N. (2002). *The Processing of Italian Subject Pronouns*. Amherst: University of Massachusetts.
- Carrilho, E. (2009). Sobre o expletivo ele em português europeu. *Estudos de Lingüística Galega, 1*. Obtido de <http://www.usc.es/revistas/index.php/elg/article/view/1475>
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. (2014, Mar - Mai). Lecture Series. MIT.
- Costa, J. (2011). Topic prominence is not a factor of variation between Brazilian and European Portuguese. In J. Berns, H. Jacobs, & T. (. Scheer, *Romance Languages and Linguistic Theory 2009* (p. 71-88). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- D'Alessandro, R. (Julho de 2014). The Null Subject Parameter. Where we are, and where are we headed? Em M. J. Fábregas A., *The handbook of parameters*. London: Bloomsbury. Obtido de <https://ling.auf.net/lingbuzz/002159>
- De Oliveira, M. (2000). The pronominal subject in Italian and Brazilian Portuguese. Em M. Kato, & E. Negrão, *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter* (pp. 37 - 53). Frankfurt: Vervuert.
- Duarte, I. (1987). *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Duarte, M. E. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. Em I. & Roberts, *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp.
- Duarte, M. E. (1995). A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp.
- Duarte, M. E. (1998). O sujeito nulo no português do Brasil: de regra obrigatória a regra variável. Em S. Grosse, & K. Zimmermann, *Substandard e mudança no português do Brasil* (pp. 198 - 202). Frankfurt: TFM.
- Duarte, M. E. (2000). The loss of the "Avoid Pronoun" Principle in Brazilian Portuguese. Em M. Kato, & E. Negrão, *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert.
- Duarte, M. E. (2003). A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. Em M. C. Paiva, & M. E. Duarte, *Mudança Lingüística em Tempo Real* (pp. 115 - 128). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Duranti, A., & Ochs, E. (1979). Left-dislocation in Italian conversation. Em T. Givón, *Syntax and Semantics, vol. 12: Discourse and Syntax* (pp. 377 - 415). New York: Academic Press.
- Frascarelli, M. (2007). Subjects, topics, and the interpretation of referential pro. *Natural Language and Linguistic Theory*(25), 691 - 734.
- Gilligan, G. M. (1987). A cross linguistic approach to the pro-drop parameter. PhD

- dissertation. University of Southern California.
- Holmberg, A. (2009). Null Subject Parameters. Em A. Holmberg, & I. Roberts, *Parametric variation: null subject in minimalist theory* (pp. 88 - 124). New York: Cambridge University Press.
- Holmberg, A., & Roberts, I. (2009). Introduction: parameters in minimalist theory. Em T. e. Biberauer, *Parametric variation: null subject in minimalist theory* (pp. 1 - 57). New York: Cambridge University Press.
- Holmeberg, A., Nayudu, A., & Sheehan, M. (2009). Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica*, 63(1), 59 - 97.
- Holmstedt, R. (5 de junho de 2010). *Pro-drop in Hebrew: a summary*. Obtido em 11 de junho de 2018, de Ancient Hebrew Grammar: <https://ancienthebrewgrammar.wordpress.com/2010/06/05/pro-drop-in-hebrew/>
- Huang, J. (1984). On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry* 15, 531 - 574.
- Huang, J. (1989). Pro-drop in Chinese: a generalized control theory. Em O. Jaeggli, & K. J. Safir, *The null subject parameter* (pp. 185 - 214). Dordrecht: Kluwer.
- Jackendoff, R. (1998). *Linguaggio e natura umana*. Bologna: Il Mulino.
- Jad71. (25 de 05 de 2015). *The That-trace effect: what it is and why is it interesting?* Obtido em 13 de maio de 2018, de Camlangsci: <http://www.icge.co.uk/languageciencesblog/?p=651>
- Jaeggli, O., & Safir, K. J. (1989). The null subject parameter and parametric theory. Em O. Jaeggli, & K. J. Safir, *The null subject parameter* (pp. 1 - 44). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Lopes, A. V. (2011). *As línguas de Cabo Verde: uma radiografia sociolinguística*. Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa. Obtido de http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4699/16/ulsd061593_td_tese.pdf
- Lopes, F. J., & Campos, E. A. (2015). A expressão pronominal no português brasileiro e no português falado em Cabo Verde — trilhando possíveis (as)simetrias. *PAPIA*, 25(2), 319 - 345. Obtido de <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/viewFile/2517/pdf>
- Lucchesi, D. (2009). A realização do sujeito pronominal. Em D. Lucchesi, A. Baxter, & I. Ribeiro, *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA.
- Mota, M. A. (2015, março). Para uma tipologia de concordância sujeito-verbo em português falado: contributos do português de Luanda e de Cabo Verde. *Cuadernos de la ALFAL*(7), 17 - 35.
- Newmeyer, F. J. (2004). Against a parameter-setting approach to language variation. *Linguistic Variation Yearbook*(4), 181 - 234.
- Newmeyer, F. J. (2005). *Possible and Probable Languages: A Generative Perspective on Linguistic Typology*. Oxford: Oxford University Press.
- Perlmutter, D. (1971). *Deep and surface constraints in syntax*. New York: Hold, Rinehart and Winston.
- Pratas, F. (2004). *O Sistema Pronominal do Caboverdiano: Questões de Gramática*. Lisboa: Edições Colibri.
- Rizzi, L. (1982). *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Foris.

- Rizzi, L. (1986). Null objects in Italian and the theory of pro. *Linguistic Inquiry*(17), 501 - 57.
- Rizzi, L. (1988). *The new comparative syntax: principles and parameter of universal grammar*.
- Roberts, I. (2016, jan 29). Null arguments and Arbitrary pronouns. *Conferência proferida no Workshop de Pronomes: sintaxe, semântica e programação*.
- Silva, F. V. (2012). Aspectos do parâmetro do sujeito nulo no cabo-verdiano – variante de Santiago – e no português europeu: um esboço de análise sintáctica. Obtido de <http://hdl.handle.net/10961/1940>
- Simone, R. (1993). stabilità e instabilità nei caratteri originali dell'italiano. Em A. Sobrero, *Introduzione all'italiano contemporaneo* (pp. 41-100). Bari: Laterza.
- Soares da Silva, H. (2006). O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol. Rio de Janeiro.
- Taraldsen, K. T. (1980). *On the Nominative Island Constraint, Vacuous Application and That-trace filter*. Indiana: Bloomington.
- Veríssimo, V. (2017, jan./jun.). A evolução do conceito de parâmetro do sujeito nulo. *Entrepalavras*, 76 - 90.
- Vitolo, G. (2006). L'uso del dimostrativo espletivo in contesto di frasi principali e dipendenti nella parlata salernitana. *Quaderni del Dipartimento di Linguistica*, 16, 61 - 77. Obtido de http://www.academia.edu/3882622/LUSO_DEL_DIMOSTRATIVO_ESPLETI_VO_IN_CONTESTO_DI_FRASI_PRINCIPALI_E_DIPENDENTI_NELLA_PARLATA_SALERNITANA